

The background features a collage of historical figures and symbols. On the left, a portrait of a man in a suit and bow tie is visible. On the right, there is a portrait of a man in a military-style uniform with a peaked cap. In the bottom right corner, a bust of a man's head is shown. The entire background is rendered in a light, faded brown color.

**UFRGS**

**PROFESSORES  
EMÉRITOS**  
MEMÓRIAS E HISTÓRIA



**UFRGS**  
PROFESSORES EMÉRITOS  
MEMÓRIAS E HISTÓRIA

# UFRGS

**PROFESSORES**  
**EMÉRITOS**  
MEMÓRIAS E HISTÓRIA

Clarice Siedler

Édina Rocha

## MARIA MARQUES



Entrevista concedida em outubro de 2011. Foto: Carlos Edler

**1997**

RECEBE O TÍTULO DE PROFESSOR EMÉRITO DA UFRGS

212

## A REFORMA UNIVERSITÁRIA DIVIDIU A HISTÓRIA DA FISILOGIA DA UFRGS EM DUAS FASES DIFERENTES

*“Não é a realização para uma professora? É o máximo! Tive muitos alunos que estão indo bem profissionalmente, progredindo muito e isso é maravilhoso.”*

“**N**ós, os professores eméritos, somos apaixonados pela Universidade e dedicamos a vida a ela.” Paixão, emoção, orgulho, alegria, tristeza ou frustração são alguns dos sentimentos que norteiam os relatos da vida e da carreira de Maria Marques. Ela já começa avisando: “Vou falar da fase áurea e da fase trágica da Fisiologia da Universidade”.

Quando estava no colégio secundário, foi aluna do professor Pery Riet Corrêa e se encantou pela Fisiologia. Decidiu que faria dessa paixão uma carreira e que seguiria tendo aulas com Riet. O docente lecionava também no curso de História Natural da PUCRS (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul) e na Medicina da UFRGS, e ela escolheu a primeira opção porque achava que era afetiva demais para tornar-se médica. Poderia sofrer se algum dia perdesse um paciente. Estudou, pesquisou, lecionou e se

213

tornou referência na área. Durante toda a sua vida profissional, Maria nunca deixou de ser uma cientista que se emociona. Assim que se formou, em 1950, aceitou o convite do professor Riet para ser sua assistente na PUC pelo período de três anos. “Nesse meio tempo, ele planejou desenvolver pesquisas aqui na UFRGS e me convidou a participar do grupo. Vim a convite!”, explica.

Nasceu na cidade de Jaguarão em 1924 e lá teve sua formação inicial, que incluía aulas de piano para ela e os cinco irmãos. Quando veio para Porto Alegre, estudou o instrumento no Conservatório do Colégio Americano, onde era aluna interna. Seu amor pela música a acompanha desde então e a levou a incentivar a área na instituição. Comenta que, na gestão do reitor Hélgio Trindade (1992/1996), ela foi presidente da 5ª Câmara (hoje Câmara de Pós-graduação) e uma das suas principais conquistas no cargo foi a proposta de criação do mestrado em Música –

**1950**

CONCLUI O CURSO DE HISTÓRIA NATURAL NA PUCRS

**1954**

INAUGURAÇÃO DO INSTITUTO DE FISILOGIA EXPERIMENTAL DA UFRGS. MARIA MARQUES É CONVIDADA PELO PROFESSOR PERY RIET CORREA A TRABALHAR NA INSTITUIÇÃO

que atualmente tem conceito sete, o maior possível na avaliação da Capes. A iniciativa surgiu quase por acaso. Ela sempre gostou muito de ir a concertos e em um deles conheceu Cristina Caparelli. “O programa sempre traz uma pequena biografia do pianista, e vi que ela tinha doutorado na Universidade de Boston. Se nós temos aqui uma professora com doutorado, podemos criar um mestrado, pensei. Chamei a Cristina e a entusiasmei a montar o curso.” Da ideia à concretização houve muito debate, insistência e argumentação, pois a maioria dos integrantes da Comissão era contra a proposta. Posteriormente foi criado o doutorado, que também já obteve a nota máxima na avaliação oficial.

Quando entrou na Universidade, Riet Corrêa era professor adjunto de Fisiologia, cujo catedrático era Raul Pilla, que estava afastado da docência para exercer o cargo de deputado federal. Substituindo-o no que hoje seria o cargo de titular, criou o Instituto de Fisiologia Experimental e voltou a convidá-la a trabalhar com ele. Como não era formada em Medicina, Maria foi contratada como

auxiliar técnica e teve a sorte e o privilégio de começar sua carreira na instituição praticando com uma das melhores equipes do mundo na área. Bernardo Houssay, professor argentino que havia se tornado o primeiro cientista da América Latina a receber o prêmio Nobel, tinha sido expulso da sua universidade pelo presidente Juan Domingo Perón, porque não compactuava com a ditadura. Não lhe faltavam convites para trabalhar nas mais famosas instituições de ensino do mundo, mas sempre os recusava, dizendo que “a ciência não tem pátria, mas o cientista tem”. Preferia ficar na Argentina orientando sua equipe do Instituto de Biología e Medicina Experimental, até que aceitou o convite para vir organizar e iniciar a pesquisa em Fisiologia na UFRGS, uma vez que era perto de Buenos Aires. Esteve aqui duas vezes pelo período de um mês cada, mas mantinha permanentemente algum integrante de sua equipe em Porto Alegre.

Durante dois anos, sempre havia um argentino orientando os trabalhos em desenvolvimento e começando novas pesquisas na Universidade. “Para mim, foi uma oportunidade única. Imagina, uma menina recém-formada e já começa a trabalhar com um prêmio Nobel e sua equipe!”, conta Maria, que fez sua

pesquisa sobre pâncreas endócrino, insulina e glucagon, que é o segundo hormônio do pâncreas e trabalhava muito com tartarugas. Quando chegou o fim do ano Houssay lhe disse “ahora usted tiene que escribir” e ela escreveu - em espanhol - um artigo que foi publicado na ata da Revista Argentina de Biología. “Até hoje guardo o original com as correções feitas por ele, com caneta tinteiro. A gente trabalhava o dia inteiro, e com entusiasmo. Foi um tempo glorioso!”

Aquele não seria, porém, o único ganhador do Nobel que conheceria. Sempre em busca de atualização, Maria viajava muito para participar de congressos internacionais e fazer estágios nos Estados Unidos, na Espanha e no Canadá. Neste último país, se encontrou com Charles Best, assistente de Frederick Banting na descoberta da insulina, que lhe rendeu o Prêmio de 1923. O fisiologista a recebeu em sua casa e a presenteou com uma foto em que aparece com o colega, autografada por ele.

O Instituto de Fisiologia Experimental foi inaugurado em 1954 com solenidade no Salão Nobre da Medicina. Estavam presentes seu idealizador Riet Corrêa, o reitor Elyseu Paglioli, o diretor da faculdade Guerra Blessman, cientistas argentinos e o representante da UFRGS e do Rio Grande do Sul na Capes, Rubens

Maciel, que havia colaborado para que o órgão financiasse o projeto com o grupo de Houssay. A cerimônia foi filmada por Leopoldis-Som, conhecida cinegráfica daquela época em que ainda não existia televisão no estado. Nos cinemas, antes de começar o filme era projetado um noticiário e, em um deles, apareceu a inauguração do Instituto.

Com relação a isso, “há uma história fantástica!”, conta Maria. Quando a empresa fechou, a RBS adquiriu todo o seu acervo, mas o rolo com o registro da inauguração não estava no lote. Muito tempo depois, um funcionário o encontrou em um canto do depósito da Leopoldis-Som. Por coincidência, o genro do proprietário da mesma era o professor do Departamento Ivan Carlos von Poser e um dia ele lhe diz “Maria, como tu és uma das mais dedicadas do Instituto vou te dar o filme”. Quando ela estava prestes a se aposentar, o grupo lhe pediu que fizesse uma palestra contando a história da pesquisa e da pós-graduação em Fisiologia e ela resolveu projetá-lo enquanto falava. Depois, o entregou à Reitoria para que o preservassem. Após alguns anos, voltou lá para pedir emprestado e lhe disseram que o haviam

## 1954 – 1955

CONVÊNIO COM O GRUPO DO CIENTISTA ARGENTINO BERNARDO HOUSSAY, PRIMEIRO CIENTISTA DA AMÉRICA LATINA A RECEBER O PRÊMIO NOBEL, PARA ORGANIZAR E INICIAR A PESQUISA EM FISILOGIA NA UFRGS

## 1968

É IMPLANTADA A REFORMA UNIVERSITÁRIA PELO GOVERNO FEDERAL, QUE EXTINGUE O INSTITUTO DE FISILOGIA EXPERIMENTAL

mandado a São Paulo para restaurar e que o tinham perdido. Ocorre que aquela sua palestra tinha sido gravada em vídeo, “então, o único registro que existe hoje é aquela filmagem da projeção do mesmo”.

Maria guarda com carinho as fotos dos primeiros grupos de pesquisadores da sua área. Enquanto as mostra, faz uma pequena apresentação de cada um dos que aparecem, como o “notável” professor da Veterinária Mozart Pereira Soares, o “grande divulgador” da Fisiologia, Joaquim Osório, o docente da Odontologia e introdutor da bioestatística na UFGRS, Edgar Mario Wagner, e assim sucessivamente. Em quase todas as fotos aparece uma mulher “que merece que eu diga algumas palavras, porque foi fantástica, competentíssima”: dona Alda Brito. Maria só tem elogios à secretária do Instituto e que, quando houve a reforma universitária, foi “tirada de lá e levada para o Biociências”. Mais tarde, dona Alda foi para a Reitoria onde permaneceu mesmo após sua aposentadoria, tendo assessorado oito reitores.

“Aqueles dois anos de convênio (1954 e 1955) foram absolutamente gloriosos em todos os sentidos”,

declara. O Instituto se transformou num centro de formação que atraía docentes de Pernambuco, Alagoas, Bahia e muitos outros estados do Brasil só para estagiar aqui. A UFRGS se tornou um verdadeiro centro de excelência na área, recebendo recursos do CNPq, equipamentos e instalação da Fundação Rockefeller e subvenção da Capes. Maria passou a lecionar a partir da reforma universitária de 1968, que reuniu as atividades de professor e de pesquisador – até então separadas – em uma única carreira docente.

“Eu considero as lembranças assim: de 1954 até 1968 nós vivemos o que eu chamo período áureo.” O grupo se apresentava e organizava congressos, criou a Sociedade de Fisiologia do RS e promovia encontros anuais em lugares diferentes. Mesmo depois do convênio com Houssay, o trabalho seguia intenso e o Instituto atraía estagiários de todo o país. Havia, também, intensa agitação na área com o surgimento de faculdades em Rio Grande, Pelotas e Passo Fundo. Foi um grande momento. Aí veio a Reforma do Ensino. A Faculdade de Medicina foi dividida e “o básico” virou Instituto de Biociências, posteriormente dividido outra vez em duas partes: Biociências (que foi para o Campus do Vale) e Ciências Básicas da Saúde.

“A mudança foi imposta e, para nós, ela foi trágica”, afirma. O Instituto de Fisiologia Experimental foi extinto e em seu lugar criaram o Departamento de Fisiologia, Farmacologia e Biofísica. Até hoje Maria Marques demonstra sua revolta com a substituição de um instituto que era referência nacional por um departamento híbrido (chamado de Bio-três por seus integrantes) sem muita vocação para a pesquisa. “Então, eu vivi períodos áureos e agora chegamos ao período trágico. Destruíram a pesquisa e todos os registros que havia daquela época”, conta.

Sua maior frustração, no entanto, é não ter podido ampliar aqueles projetos por falta de espaço. “A grande mágoa que eu tenho é que o Instituto de Biociências, criado na época da Reforma, nunca nos deu facilidades nem área para expandir”. Celso Paulo Jaeger é um dos professores que não se conformavam com o retrocesso e propôs a criação de um programa de pós-graduação na área. Ela participou do grupo que montou o mestrado em 1976 e o doutorado em 1987, revitalizando o setor. Maria orientou muitos mestrados e doutorandos, mas não pode falar em Jaderson Costa da Costa, “porque muito me emociona”. O diretor do Instituto do Cérebro da PUC foi seu aluno de iniciação científica des-

de que ingressou no curso de Medicina e seu orientado no mestrado e no doutorado. Foi muito criticada por colegas por aceitá-lo, porque sua área de especialização é Endocrinologia enquanto que a dele é Neurologia. Por conta disso escutou muitas vezes “a Maria é uma charlatã”, mas eles seguiram trabalhando juntos e hoje sente “uma alegria enorme” pelo sucesso do jovem. “Não é a realização para uma professora? É o máximo! Tive muitos alunos que estão indo bem profissionalmente, progredindo muito e isso é maravilhoso.”

Por sua dedicação profissional, a docente foi homenageada pela Universidade e pela Sociedade de Fisiologia do Rio Grande do Sul, que deu seu nome a uma premiação dirigida a pesquisadores destacados na área de Ciências Biológicas: o “Prêmio Maria Marques”. Por suas contribuições prestadas à Ciência e Tecnologia, recebeu do Governo Federal a Ordem Nacional do Mérito Científico para a Classe de Comendador na área de Biologia (1998).

**1976**

É CRIADO O CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM NÍVEL DE Mestrado em Ciências Biológicas – Fisiologia

216

**1987**

É CRIADO O PROGRAMA DE DOUTORADO EM FISILOGIA

**1998**

RECEBE DO GOVERNO FEDERAL A ORDEM NACIONAL DO MÉRITO CIENTÍFICO PARA A CLASSE DE COMENDADOR NA ÁREA DE BIOLOGIA

217

Com relação à UFRGS hoje, Maria Marques acha que está no bom caminho e deve prosseguir trabalhando com entusiasmo e mantendo seus ideais científicos. O maior sonho da professora emérita é ver um pesquisador da instituição receber o prêmio Nobel, que é o re-

conhecimento máximo para um cientista. “Não precisaria ser meu colega de Departamento, ou da mesma área de conhecimento, mas que um professor da Universidade tivesse o reconhecimento internacional do valor do seu trabalho.”



Foto: Maria Marques / Acervo pessoal

CELEBRAÇÃO DOS 30 ANOS DE PESQUISA DA FISIOLOGIA



Foto: Acervo pessoal

NO LABORATÓRIO, COM OS COLEGAS DE PESQUISA, 1954